

# A “explosão” dos estudos de gênero na filosofia: uma análise de tendências a partir da ANPOF

Antonio Brasil Jr. (UFRJ)

Lucas Carvalho (UFF)

## Apresentação

A “explosão feminista”, para fazer referência ao título do recente livro-ocupação de Heloísa Buarque de Hollanda, é um fenômeno multidimensional, que vem criando diferentes ressonâncias na vida pública, nos modos de subjetivação, nas identidades coletivas, na produção cultural e, como não poderia deixar de ser, na produção científica. No fundo, esse fenômeno vem criando novas formas de interação e de conexão entre universidade e sociedade, nas quais a filosofia (como disciplina e perspectiva sobre o conhecimento em geral) é um de seus vetores decisivos.

A imagem da “explosão”, aliás, também vem a calhar como uma boa representação das tendências que vamos expor a seguir. A pedido da ANPOF, procuramos rastrear como os “estudos de gênero” estão se expandindo no campo da filosofia, identificando padrões e dinâmicas a partir da produção científica indexada. Mobilizando dados extraídos da Plataforma CV-Lattes, encontramos uma fortíssima tendência de crescimento dos termos associados aos “estudos de gênero” nos trabalhos publicados por filósofos e filósofas no Brasil, em particular a partir de meados da década passada.

## Universo de pesquisa e materiais

A despeito de suas limitações, a base de currículos Lattes é uma base de dados sobre a produção científica, intelectual e cultural brasileira que não possui paralelos no mundo. A exigência básica de que todo pesquisador possua seu currículo atualizado na plataforma (desde o estudante de iniciação científica até pesquisadores mais experientes e reconhecidos pela comunidade científica) torna a base CV-Lattes a fonte mais abrangente de informações sobre a ciência e a

universidade brasileiras. Não obstante o fato de que a plataforma seja preenchida pelos próprios pesquisadores a torne repleta de inconsistências, lacunas, duplicidades, esse mesmo fato garante que a produção ali indexada possa registrar muito mais informações que quaisquer outras plataformas ou bases indexadoras existentes (como Web of Science, SciELO, Scopus, Redalyc ou mesmo a Google Scholar). Por essa razão, optamos por tornar a base CV-Lattes a nossa principal fonte de pesquisa.

A fim de encontramos uma população de pesquisadores da área da filosofia que possam nos dar um retrato confiável de sua produção intelectual, optamos por recuperar todos os pesquisadores que, em 31 de maio de 2022, estavam credenciados como professores (permanentes ou colaboradores) em programas de pós-graduação da área de avaliação “Filosofia” da Capes. Esses dados foram coletados na plataforma Sucupira por meio de *web scrapping* [raspagem de dados na web]. A rigor, trata-se de um universo muito próximo ao dos conjuntos de programas de pós-graduação filiados à ANPOF. Na tabela a seguir, apresentamos o nome dos programas e a quantidade de pesquisadores indicados por cada um, bem como as suas instituições de referência. Encontramos um universo total de 1.281 docentes registrados em 66 programas de pós-graduação (incluindo os diferentes programas em rede em suas várias instituições, seguindo o modo como a própria plataforma Sucupira segmenta seus dados).

PPG	Instituição	Número de docentes
ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (28001010040P4) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	42
FILOSOFIA (10001018043P0)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA	11
FILOSOFIA (15001016070P0)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	16
FILOSOFIA (20001010056P2)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO	15
FILOSOFIA (21001014015P7)	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	13
FILOSOFIA (22001018037P3)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	30
FILOSOFIA (22003010076P1)	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ	16
FILOSOFIA (22004017004P7)	UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ	18
FILOSOFIA (23001011030P1)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	20
FILOSOFIA (24001015005P0)	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, JOÃO PESSOA	16

FILOSOFIA (25001019071P5)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	18
FILOSOFIA (25001019094P5)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	14
FILOSOFIA (25002015010P2)	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO	11
FILOSOFIA (26001012172P9)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	11
Filosofia (27001016039P0)	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	23
FILOSOFIA (28001010042P7)	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	31
FILOSOFIA (30001013037P6)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	14
FILOSOFIA (31001017022P1)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	32
Filosofia (31002013031P7)	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO	17
FILOSOFIA (31003010081P4)	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	19
FILOSOFIA (31004016016P0)	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	31
FILOSOFIA (31005012006P1)	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO	17
FILOSOFIA (32001010012P9)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	39
FILOSOFIA (32004010048P6)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS	14
FILOSOFIA (32005016107P5)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA	16
FILOSOFIA (32006012024P9)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	22
Filosofia (32007019012P7)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO	23
FILOSOFIA (32018010045P0)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI	19
FILOSOFIA (32029012003P4)	FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA	12
FILOSOFIA (33001014010P9)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	20
FILOSOFIA (33002010031P2)	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	50
FILOSOFIA (33003017066P7)	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	26
FILOSOFIA (33004110041P1)	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, MARÍLIA	22
FILOSOFIA (33005010008P3)	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	16
FILOSOFIA (33009015072P5)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO	30
FILOSOFIA (33144010020P1)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC	28
FILOSOFIA (40001016039P7)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	25
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	10
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	10
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	19
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	5
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC	16
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	14
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	8

FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO	14
FILOSOFIA (40001016170P6) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	12
Filosofia (40002012045P3)	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	14
FILOSOFIA (40003019015P3)	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ	14
Filosofia (40004015036P7)	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ	13
FILOSOFIA (40015017005P2)	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA	16
FILOSOFIA (41001010029P8)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	33
FILOSOFIA (41020014013P8)	UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL	20
FILOSOFIA (42001013032P8)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	25
FILOSOFIA (42002010002P1)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	22
FILOSOFIA (42003016031P4)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	16
FILOSOFIA (42005019004P0)	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	18
FILOSOFIA (42007011010P2)	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS	12
Filosofia (42008018011P5)	UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	14
Filosofia (50001019038P9)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	12
FILOSOFIA (52001016011P9)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	21
FILOSOFIA (53001010048P6)	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	26
FILOSOFIA (UFPE-UFPB-UFRN) (24001015046P8) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, JOÃO PESSOA	29
FILOSOFIA (UFPE-UFPB-UFRN) (24001015046P8) (Programa em Rede)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	3
FILOSOFIA E ENSINO (31022014008P9)	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA	19
LÓGICA E METAFÍSICA (31001017123P2)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	26
METAFÍSICA (53001010109P5)	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	23

Como os docentes podem estar credenciados em mais de um programa, o número efetivo e real de nossa população é um pouco menor: 1.111 professores e professoras. Usando programas automatizados de identificação do sexo (masculino/feminino) nesta lista de nomes recuperados (e inserindo manualmente essa informação quando necessário), chegamos à seguinte distribuição entre homens e mulheres:

## **Número de docentes por sexo**

*Programas de pós-graduação em Filosofia*

Sexo	Total
Feminino	242
Masculino	864
Total	1111

Fonte: Plataforma Lattes, elaboração própria

É evidente que esta classificação binária e automatizada de uma lista de nomes de docentes de programas de pós-graduação em filosofia traz como pressuposto uma visão bastante convencional a respeito das conexões entre nomes, sexos e gêneros. A própria agenda de pesquisa cuja expansão pretendemos identificar neste relatório chama a atenção para a complexidade inscrita nas relações entre sexos, gêneros, identidades e orientações (múltiplas e diversas). No entanto, assumindo que o nome pode, mesmo assim, ser um preditor razoável dos modos pelos quais os pesquisadores se auto identificam como “homens” ou “mulheres” (infelizmente não conseguimos aqui trabalhar fora do binarismo da diferença sexual), reputamos que os resultados a seguir possam oferecer um retrato bastante pungente das desigualdades de gênero na área da filosofia.

Deste total de 1.111 nomes, conseguimos recuperar o ID-Lattes – e, assim, as informações curriculares indexadas por cada pesquisador(a) – de 1.107, o que conformará o nosso universo de pesquisa efetivo a partir daqui.

### Identificação de tendências: quando começa a “explosão”?

A partir da produção listada nos CV-Lattes dos 1.107 nomes identificados e cujos currículos conseguimos recuperar em nossa população de referência, podemos começar a identificar algumas tendências. Inicialmente, nossa análise se centrou no campo dos projetos – a rigor, o campo com maior número de informações e detalhamento do CV-Lattes, pois inclui resumos, participantes, ano de execução e acesso a financiamento – e no campo dos artigos – o tipo de publicação mais dinâmico e mais reconhecido pela comunidade científica como

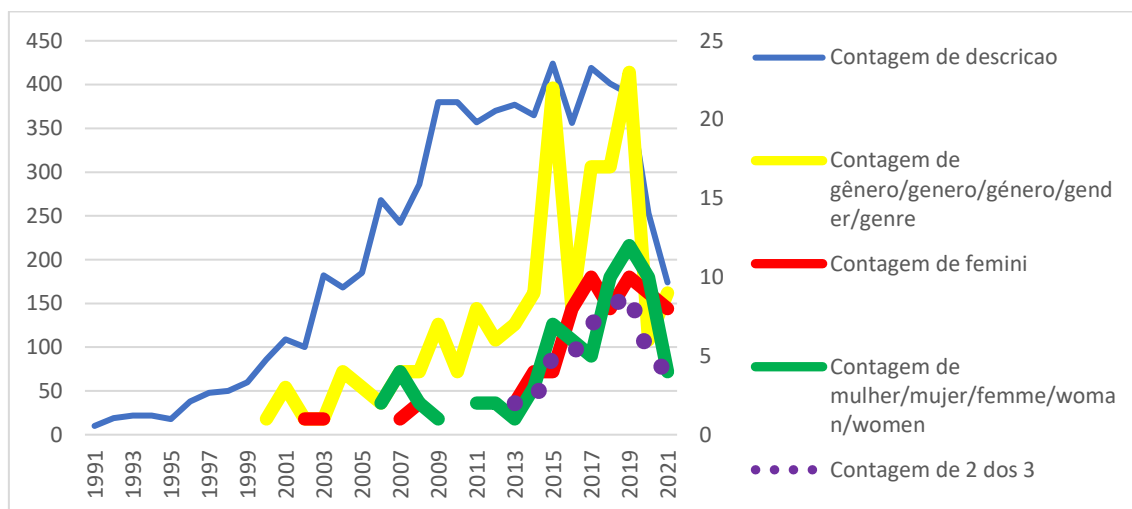
índice de produção válida, posto que submetida ao *peer review* e às métricas de impacto. Nesses dois campos, a “explosão” dos “estudos de gênero” é muito significativa na segunda metade da década de 2010.

A imagem abaixo se refere à distribuição temporal dos projetos (data de início da execução, ou seja, projetos novos) listados em nossa amostra. A linha fina em azul indica o total de projetos indexados por todos os 1.107 docentes, cuja quantidade anual de novos projetos está referida ao eixo *y* principal (da esquerda). Como os projetos são coletivos, é possível que o mesmo projeto esteja referido em mais de um currículo – porém, como nosso interesse básico é o de realizar uma análise de tendência, e não um “censo” da área de filosofia, parece-nos razoável manter eventuais duplicações de registros. Já as linhas grossas em amarelo, vermelho e verde se referem à distribuição temporal de projetos novos que contivessem os termos selecionados em nossa pesquisa, conforme a tabela abaixo. Em amarelo, todos os projetos que mencionassem, em sua descrição, os termos “gênero”, “genero”, “género”, “gender” e “genre”; em vermelho, os que mencionassem “femini” (o que contempla “feminismo”, “feminino”, “feminista(s)” etc.). Já em verde, os que mencionassem “mulher” (o que contempla “mulheres”, “mulherismo”), “mujer”, “femme”, “woman” e “women”.

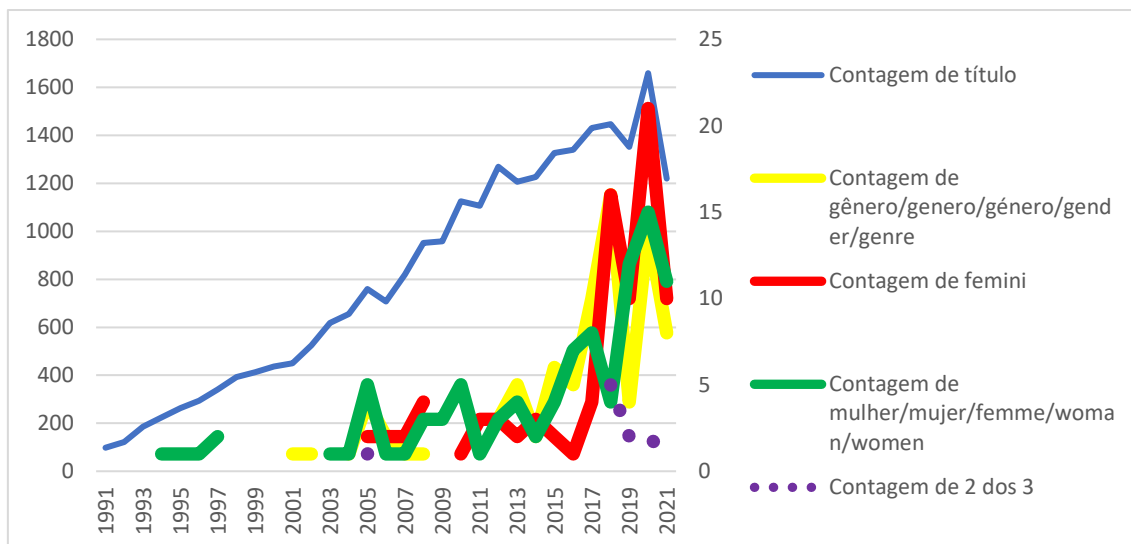
Conjuntos de termos (cores)	Gênero (amarelo)	Feminismo (vermelho)	Mulher (verde)
Variações	gênero, gênero, género, gender, genre	femini* (o que inclui feminismo, feminino, feminista, feministas, feminism etc.)	mulher*, mujer*, femme, woman, women

É óbvio que o contexto semântico destes termos é muito rico e variado; nem sempre o uso de alguns destes termos se refere exatamente ao campo dos estudos de gênero. O próprio termo “gênero” oscila muitíssimo, podendo se referir a gênero textual, literário ou mesmo ao “gênero humano”. Daí a sua presença na nossa amostra desde os anos 1990. Porém, o que nos interessa é que a sincronização da presença deste conjunto de termos a partir de 2013-2015 (período em que começa a “explosão”) indica claramente a emergência de uma nova agenda de pesquisa, que cria um contexto semântico em que gênero, feminismo e mulher passam a se

referir mutuamente quanto ao significado empregado pelos(as) docentes. A linha pontilhada em lilás mensura os projetos novos cuja descrição contenham pelo menos dois dos três conjuntos de termos selecionados – e sua distribuição concentrada entre 2013 e 2021 reforça a nossa hipótese.



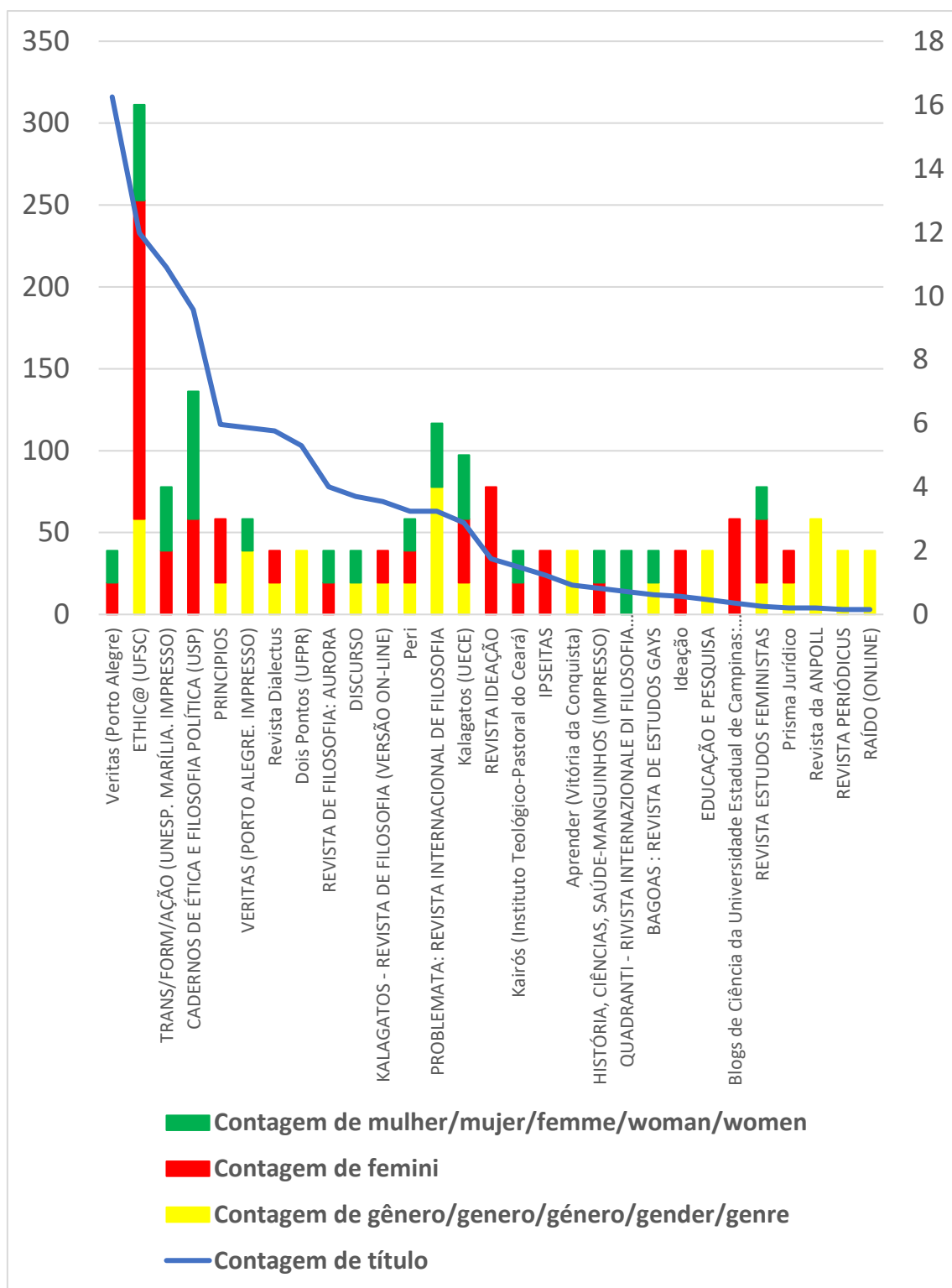
Comportamento análogo encontramos no caso dos artigos. O fato de que só temos à nossa disposição o título dos artigos (o preenchimento de palavras-chave pelos pesquisadores, por exemplo, é muito irregular) certamente dificulta a análise, mas, ainda assim, vemos a mesma tendência geral encontrada para os projetos. Vejamos, porém, que a explosão sincronizada dos três conjuntos de termos, no caso dos artigos, se inicia com maior nitidez a partir de 2017. Ou seja: a explosão um pouco anterior da indexação dos termos selecionados nos projetos sugere que a produção de artigos na área é resultado do esforço coletivo dos docentes – na verdade, *das docentes*, como veremos mais adiante – em sua articulação colaborativa no sentido de inscrever os “estudos de gênero” como especialização relevante na área de filosofia.



As informações relativas aos artigos também nos permitem recuperar os periódicos que mais publicaram textos que indexaram pelo menos um dos termos selecionados.

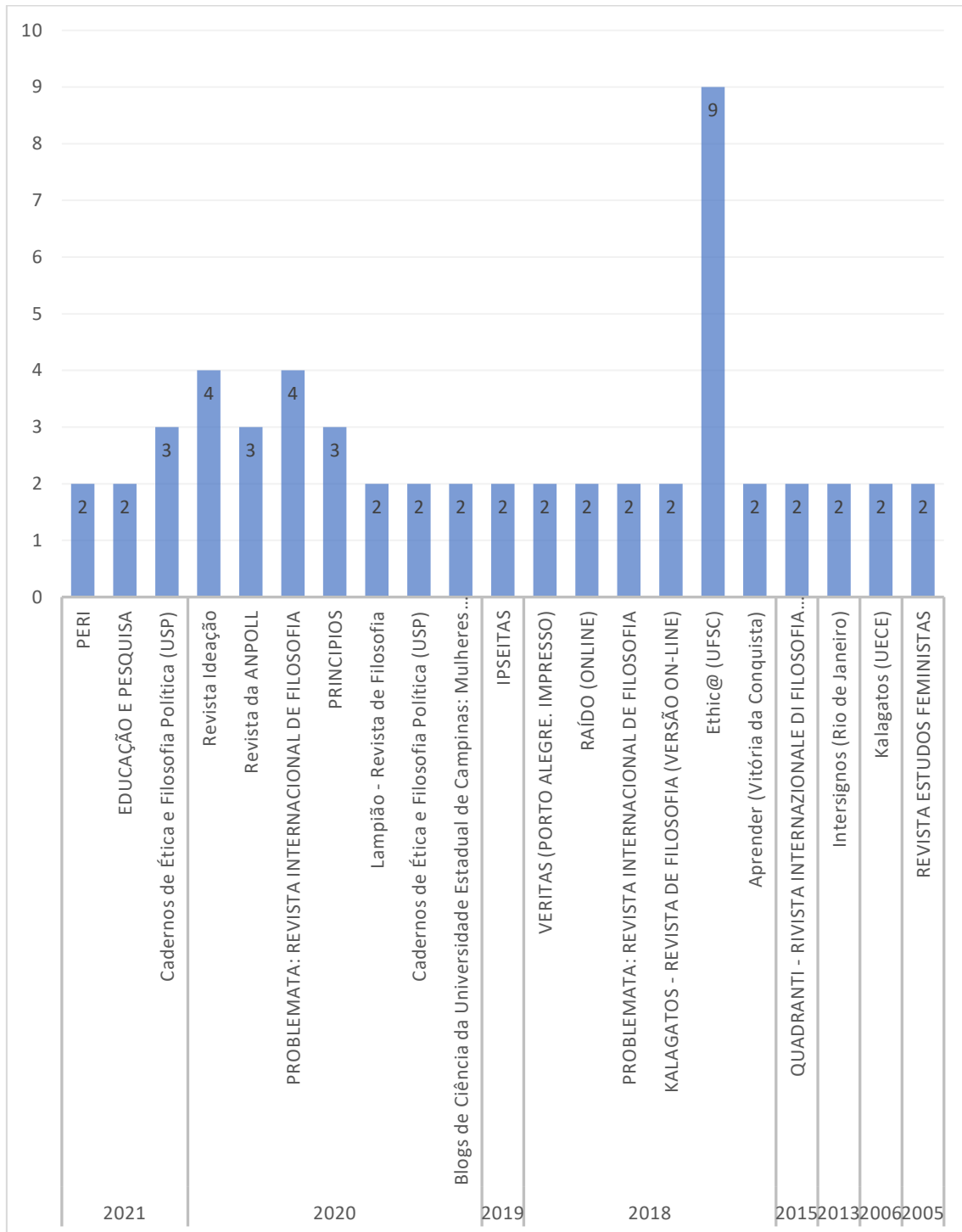
Na figura a seguir, temos a distribuição das principais revistas em termos do número total de artigos publicados por nossa amostra de 1.107 docentes, descrita pelo eixo *y* principal (à esquerda), e também em termos da quantidade de artigos publicados que contivessem algum dos termos selecionados em seus títulos, descrita pelo eixo *y* secundário (à direita). A inexistência de uma correlação clara entre os eixos principal e secundário sugere que a publicização dos “estudos de gênero” nas revistas de filosofia é algo concentrada em periódicos específicos, ou pelo menos, em dossiês dedicados a essa temática.





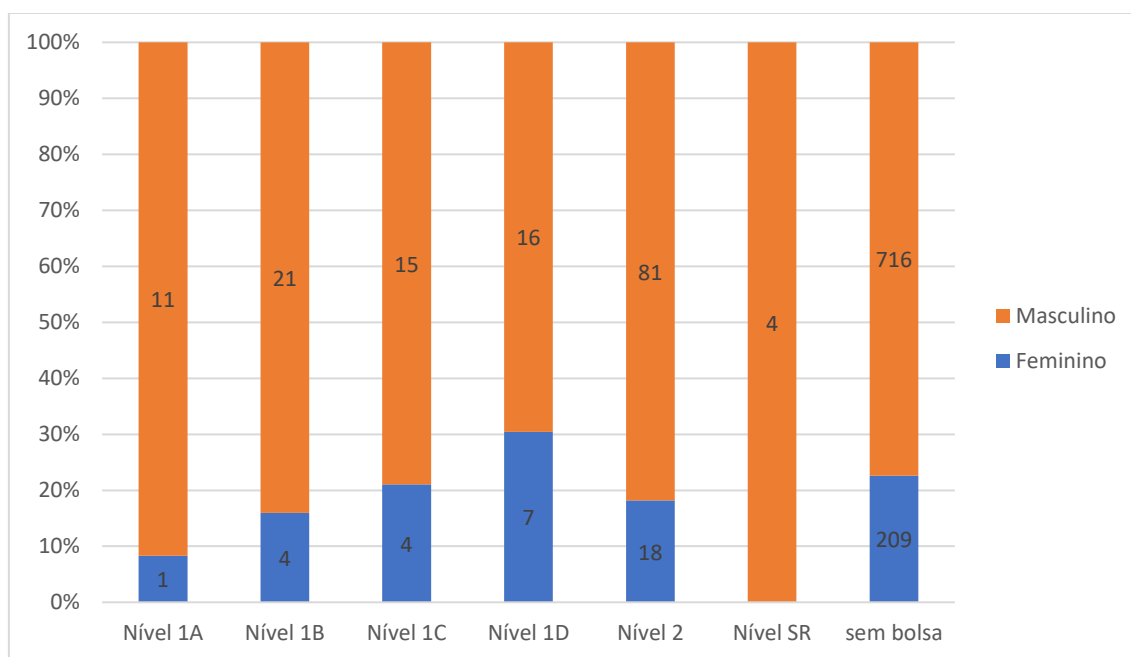
Uma outra forma de apresentar os dados da figura anterior se dá pela desagregação das publicações por ano. Considerando apenas as revistas que, no mesmo ano, publicaram pelos menos dois artigos com algum dos termos selecionados em seus títulos, encontramos os seguintes picos de concentração dos

“estudos de gênero”. O valor mais significativo – nove artigos em 2018 na revista *Etic@*, da UFSC – se refere, por exemplo, ao dossiê sobre filosofia, gênero e feminismo que saiu no v. 17 n. 2.



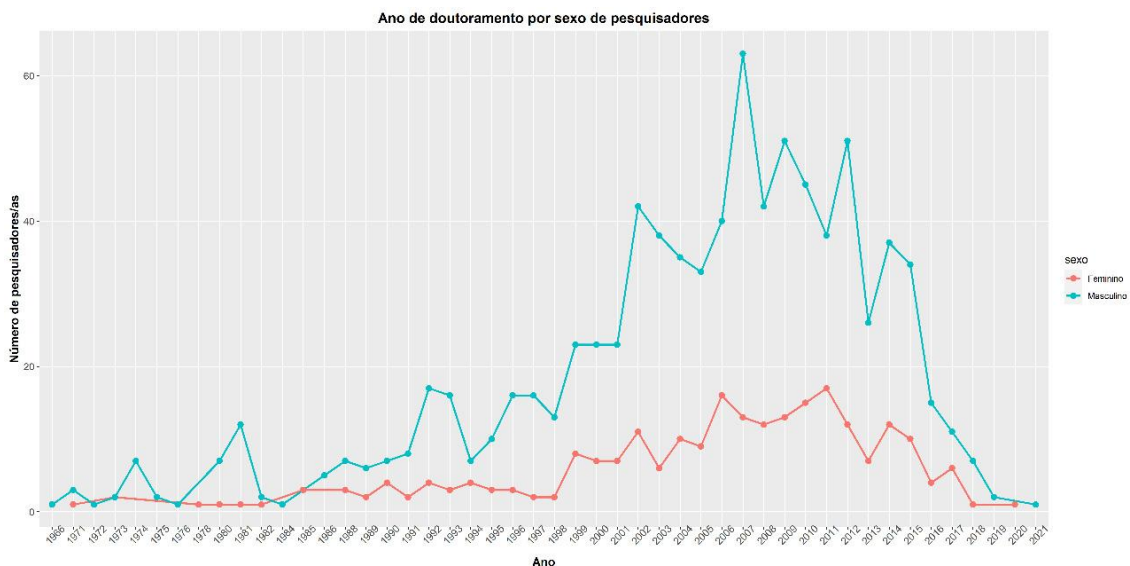
## As desigualdades (duráveis) de gênero na filosofia

Apesar do intuito de nosso levantamento tenha sido rastrear a explosão dos “estudos de gênero” na filosofia, os dados coletados também permitem, nos limites aqui expostos, traçar uma radiografia mais ampla da própria área de filosofia como um todo. Já vimos antes como a proporção entre homens e mulheres nas pós-graduações é alarmante: de todos os nomes localizados, 22% são nomes “femininos” e 78% são nomes “masculinos”. Porém, se levarmos em conta como os recursos são distribuídos nesta população, vemos que essa desigualdade pode se *reforçar* mais ainda. A partir da identificação dos bolsistas de produtividade do CNPq, disponíveis nos CV-Lattes de nossa base de dados, chegamos ao seguinte quadro, conforme a figura abaixo:

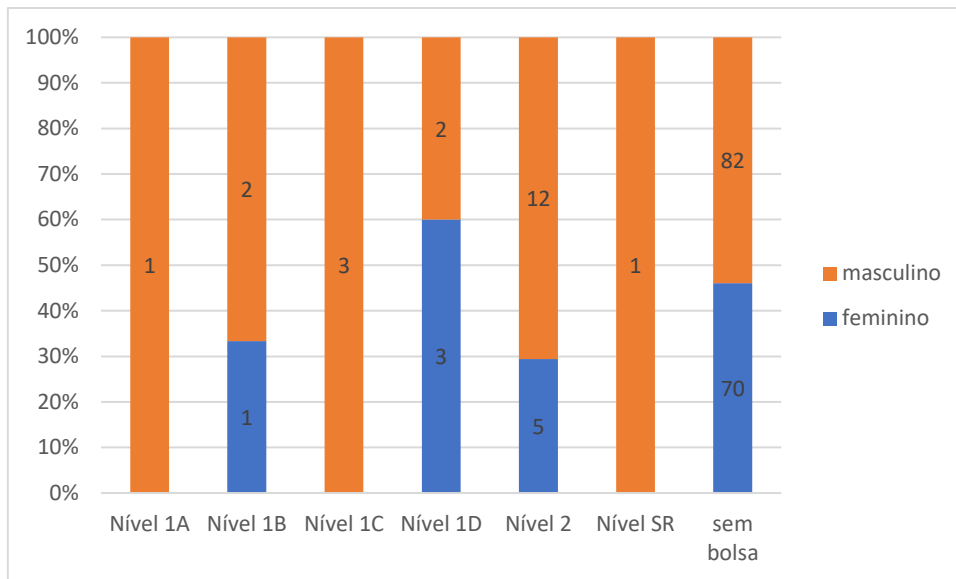


Vejamos que a distribuição entre os níveis mais altos do sistema (Níveis SR, 1A e 1B) cria uma proporção entre homens e mulheres ainda mais desigual do que no conjunto da população. A maior presença de mulheres no nível 1D pode sugerir que, em um futuro próximo, estas distorções possam se mitigar; porém, é preocupante o fato de que a distribuição no nível de entrada do sistema (o Nível 2) *reforce* ainda mais a desigualdade, em vez de a corrigir. Já a proporção entre homens e mulheres entre os não bolsistas é praticamente idêntica à proporção na população geral de 1.107 pesquisadores.

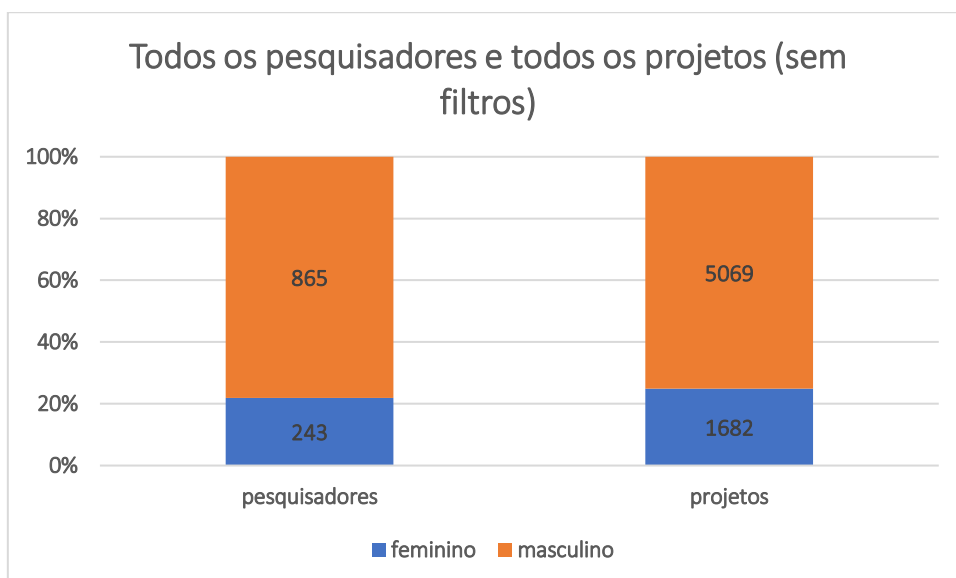
Ainda que não seja possível, com os dados disponíveis, criar previsões robustas a respeito do cenário futuro das desigualdades de gênero entre os praticantes de filosofia no Brasil – ou melhor, entre os(as) docentes de programas de pós-graduação –, a imagem abaixo mostra como a renovação geracional da população analisada não parece contribuir de modo efetivo para uma reversão deste padrão muito “masculino” da área. Tomando como parâmetro o ano de doutoramento dos(as) professores(as) credenciados, vemos como a distância entre o número de homens e mulheres se mantém no tempo, mesmo que com oscilações a depender da conjuntura. A expansão da pós-graduação nos últimos 15 anos permitiu o avanço do doutoramento de mulheres na filosofia, mas em proporção sempre muito menor ao doutoramento de homens.



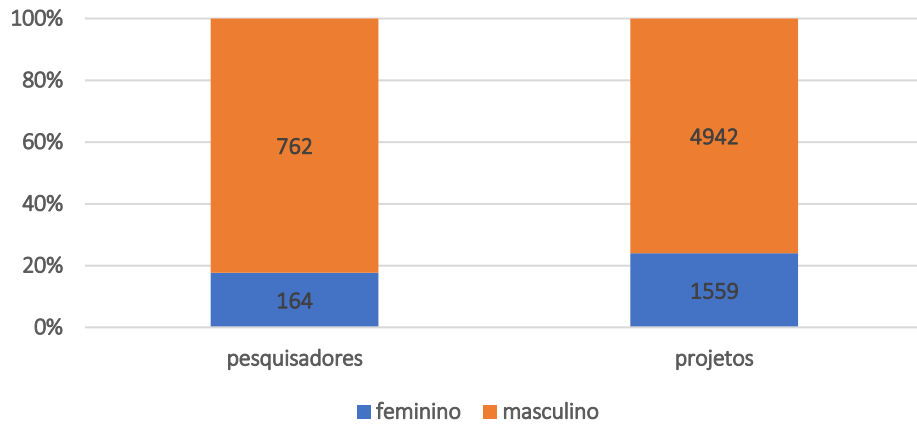
Voltando agora à distribuição de bolsistas do CNPq na população pesquisada, como ficaria o quadro se analisássemos apenas os(as) docentes que indexaram algum dos três termos selecionados (*gênero*, *femini\** e *mulher*, incluindo suas variações) em seus projetos? O número da população, com essa filtragem, cai bastante (temos agora apenas 182 nomes), o que afeta o número de bolsistas: apenas 30, sendo 9 mulheres e 21 homens (em uma proporção 30/70). Vejamos o gráfico a seguir:



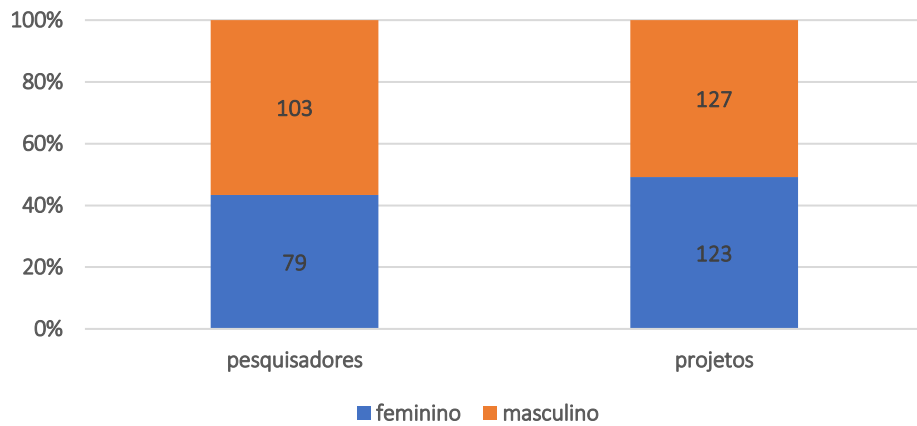
Outro achado de nosso levantamento é a importância das pesquisadoras mulheres para o avanço dos “estudos de gênero” na área da filosofia. Considerando novamente a presença (ou não) dos três termos selecionados em nosso estudo, como ficaria a distribuição do número de pesquisadores(as) e de projetos que indexaram estes termos? Os gráficos a seguir revelam um quadro sintomático: a proporção entre homens e mulheres se torna ainda mais “masculina” quando o(a) pesquisador(a) não indexa nenhum dos termos, de um lado, e a proporção fica cada vez mais “feminina” quanto mais termos são indexados pelos(as) pesquisadores(as), de outro.

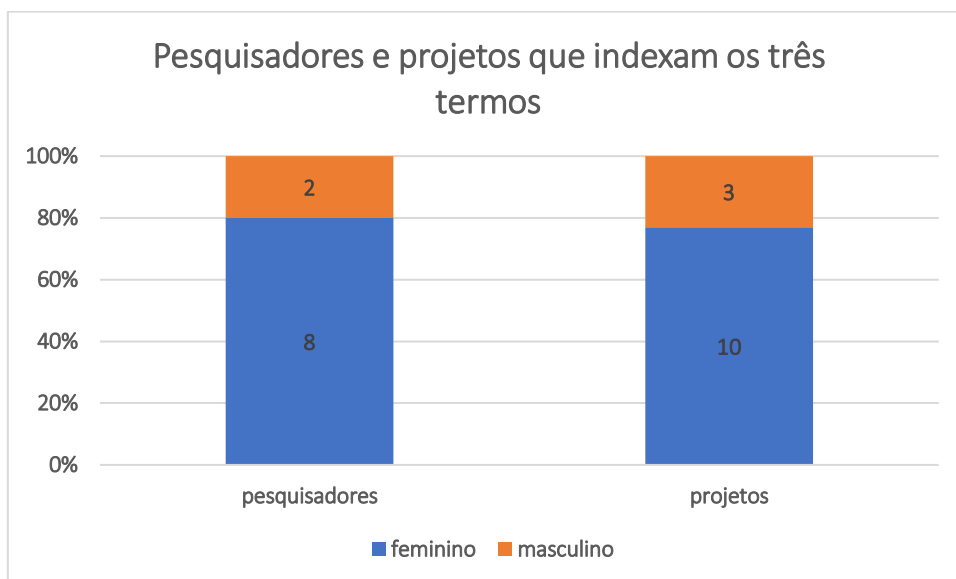
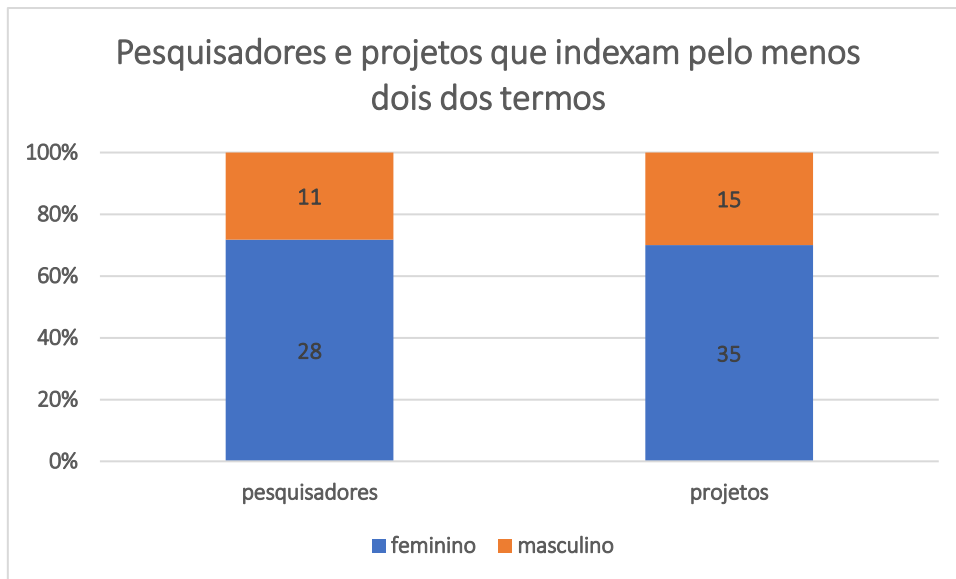


### Pesquisadores que não indexam nenhum dos termos e projetos sem nenhum dos termos



### Pesquisadores e projetos que indexam pelo menos um dos termos





### Considerações finais

Este primeiro relatório conseguiu identificar algumas tendências a respeito da emergência dos “estudos de gênero” na filosofia, que resumimos a seguir:

- 1) A “explosão” dos “estudos de gênero” começa por volta de 2013, o que é capturado analisando-se a presença dos termos selecionados nos resumos dos projetos indexados no CV-Lattes, e se materializa de modo mais nítido na forma de artigos científicos a partir de 2017;
- 2) A proporção entre homens e mulheres na população de docentes de programas de pós-graduação credenciados na área de avaliação

“Filosofia” da CAPES é brutalmente desigual: dos 1.111 nomes capturados, 22% são nomes codificados como “femininos” e 78% como “masculinos”.

- 3) A distribuição de recursos de pesquisa, tomando como parâmetro a distribuição de bolsas de produtividade do CNPq, tende a reproduzir ou até mesmo a agravar as assimetrias de gênero detectadas;
- 4) Os dados relativos aos anos de doutoramento na população pesquisada não sugerem que a proporção de mulheres vá aumentar em um futuro próximo – no entanto, precisamos de mais dados para confirmar essa tendência;
- 5) A pesquisa nos “estudos de gênero” na filosofia é feita em sua grande maioria por mulheres. Quanto mais os termos selecionados em nossa amostra são levados em consideração, mais “feminina” se torna a população de referência.

#### Perspectivas para o próximo relatório

- Análise semântica (via técnicas de *text mining*) dos títulos e resumos das teses defendidas na área de “Filosofia”, com o intuito de trazer novos dados capazes de complexificar a análise feita até aqui;

- Análise semântica (via técnicas de *text mining*) dos resumos dos projetos de pesquisa indexados em seus currículos por parte dos pesquisadores dos programas de pós-graduação credenciados;

- Análise das bases indexadoras de artigos científicos (base SciELO e Web of Science).